

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
FERNANDO MATOS SILVA: O CINEMA A FAZER A REALIDADE
8 de janeiro de 2024

CAMINHOS DA LIBERDADE / 1974

Um filme de Álvaro Guerra, Carlos Alberto Lopes, Fernando Matos Silva, José Luís Carvalhosa, José Nascimento, José Corte-Real, Melo Cardoso

Imagem (não creditada): Fernando Matos Silva, João Matos Silva, José Luís Carvalhosa, Victor Estevão (assistente) / **Som** (não creditado): Carlos Alberto Lopes / **Montagem**: Fernando Matos Silva, João Matos Silva, José Nascimento / **Colaboração**: Núcleo de Operadores da RTP

Produção (não creditada): Cinequipa, Radiotevisão Portuguesa/RTP / **Cópia**: 16mm, preto e branco, falada em português / **Duração**: 54 minutos / Primeira apresentação na Cinemateca: abril de 2014

O MEU AVÔ REPUBLICANO / 2012

Um filme de Fernando Matos Silva

Realização: Fernando Matos Silva / **Argumento**: Júlia Matos Silva, Fernando Matos Silva / **Pesquisa e documentação**: Júlia Matos Silva, João Matos Silva / **Texto**: Júlia Matos Silva / **Direção de fotografia**: Alexandre Gonçalves / **Maquinista**: Cláudio Lopes / **Maquilhagem**: Eva Graça / **Guarda-roupa**: Maria Gonzaga, Rosário Moreira / **Misturas**: Tiago Matos / **Montagem**: Mariana Escudeiro / **Assistência de realização**: Maria João Matos Silva / **Imprensa e divulgação**: Cristina Matos Silva / **Locução**: António Machado / **Interpretação**: David Leal, Ana Paula Almeida, Xavier Canavilhas, José Alfredo Vieira Torres, Fernando Matos Silva / **Participação**: descendentes de José Rodrigues Vieira (José Vieira Sampaio, Duarte Vieira Sampaio, Maria Lucinda Vieira Sampaio, Lucinda Paula Vieira Laranjeira, José Guilherme Vieira Baptista, João Vieira Matos Silva, Artur José Vieira Carvalho, Manuel Vieira Torres, Mário Vieira Vidal) e de António Sousa Júnior (investigador)

Produção: Fernando Matos Silva, Unipessoal Lda. / **Direção de produção**: Cristina Mascarenhas, Ricardo Loureiro, José Correia / **Direção financeira**: Pedro Calvário / **Cópia**: Betacam, cor e preto e branco, falada em português / **Duração**: 67 minutos / Inédito comercialmente / Primeira apresentação na Cinemateca

Com a presença de Fernando Matos Silva.

Caminhos da Liberdade é um filme que nasceu e floriu a partir da revolução. Fernando Matos Silva e o irmão, João Matos Silva, já tinham sido avisados do golpe militar e aguardavam na noite da véspera, em casa, o segundo sinal: *Grândola, Vila Morena* na Rádio Renascença. Ouviram-no e começaram logo a juntar esforços. A revolução estava à porta e era necessário filmá-la.

Na manhã de 25 de Abril, no entanto, não foi possível reunir os vários elementos da equipa, já que o diretor de fotografia José Luís Carvalhosa, que vivia na margem sul do Tejo, não conseguiu atravessar a ponte (pouco depois renomeada 25 de Abril) que havia sido bloqueada pelos Capitães de Abril. Sem câmara profissional nem fotógrafo, Fernando Matos Silva e João Matos Silva lançaram-se para o Largo do Carmo apenas com a pequena câmara de 16mm que Fernando havia comprado em Londres, enquanto lá estudava. A película de que dispunham era pouca, no entanto, as imagens que produziram são algumas das mais icónicas da revolução, imagens que seriam depois reproduzidas *ad infinitum* em filmes doutros realizadores, em reportagens televisivas e em todo o tipo de tentativas de descrever o que aconteceu, de facto, naquele agitado dia 25 de Abril, em que a esperança se misturava ainda com o receio de um contragolpe. Além de filmar, Fernando Matos Silva fez, igualmente, uma série de fotografia que se encontram, ao dia de hoje, inéditas. Foram muito poucos

aqueles que captaram imagens em movimento daquele dia, naquele largo. Ricardo Costa andou por lá, algum outro realizador amador também terá feito as suas imagens em suportes reduzidos, mas o certo é que nem os repórteres da RTP filmaram as primeiras horas da revolução – receberam indicações para não saírem para o exterior – nem outros cineastas lá chegaram a tempo (ou chegando, tinham equipamento).

Caminhos da Liberdade parte, portanto, desse impulso. Depois do primeiro dia em que, a meio da tarde, já se gritava “Liberdade!”, havia que retratar o “processo revolucionário”, isto é, o modo como, rapidamente, os mecanismos de opressão do Estrado Novo iam sendo desmanchados. Para isso, o filme começa, a partir do dia 26 de abril, a agregar vários outros contributos (os jornalistas Álvaro Guerra, José Corte-Real e Melo Cardoso, o técnico de som Carlos Alberto Lopes, o referido diretor de fotografia José Luís Carvalhosa, o assistente e montador José Nascimento), ganha a forma de um diário (sete capítulos, sete dias entre o 25 de Abril e o primeiro 1.º de Maio) e descobre uma “janela de exibição” (poucos dias depois a RTP entra como coprodutora e cede, à produção do filme, além de película, também algum do material que os operadores da RTP entretanto começam a filmar – convém lembrar que a equipa deste filme, que pouco depois se constituiria enquanto cooperativa, a Cinequipa, já trabalhara em conjunto nos programas televisivos **Ensaio** e **Impacto**, precisamente na RTP).

Se há, definitivamente, um lado imediatista – que aproxima o filme do dito “cinema direto” – é de notar a coincidência feliz (que à distância ganha ressonâncias conceptuais) que fez com que a semana que distou o golpe militar da celebração do Dia do Trabalhador correspondesse à descrição bíblica do génesis: com o “e no princípio era o verbo” refeito na locução de Leite de Vasconcelos na noite de 24; cumprindo-se os passos da “criação do mundo” com a libertação dos presos políticos a 26, a entrada na sede da PIDE/DGS no 27, a chegada de Mário Soares no 28, a chegada de Álvaro Cunhal no 29; e “descansando-se” no dia da grande festa popular, o 1.º de Maio (que em **Caminhos da Liberdade** se celebra no Barreiro, terra operária com a qual Fernando Matos Silva tinha várias ligações pessoais e profissionais – imagens essas que ressurgirão, depois, em **As Armas e o Povo**, a cores).

Se essa enorme e profética coincidência bíblica sublinha a pujança do renascimento de um país, os rostos das pessoas, os testemunhos recolhidos na rua, o som direto e a câmara que, sistematicamente, busca o acontecimento (entra dentro das grades da prisão de Caxias, espia os pides presos através da frincha da porta, acompanha as explicações dos Capitães, espera ansiosa por Mário Soares, tenta endireitar-se por entre acotovelamentos à chega da Cunhal – que belo o abraço que Soares e Cunhal dão no aeroporto!) transformam **Caminhos da Liberdade** no retrato impressionante de um turbilhão.

Porém, e isso é belíssimo, há um ou outro exercício de distanciamento em que os realizadores tomam consciência do seu próprio olhar e procuram – subtilmente – chamar a atenção para a natureza ficcional de toda a imagem cinematográfica. Que momentos são esses? O primeiro, que abre o filme, em que Leite de Vasconcelos reencena para a câmara o instante decisivo da revolução (como poderia estar ali a câmara?). O segundo, a decisão de incluir, na montagem, o som direto em que se escuta, claramente, a voz de Fernando Matos Silva que dirige a câmara e “dirige” a ação, pedindo que certa pessoa se demore mais num determinado gesto, que certo livro proibido seja exibido por mais tempo, que os objetos de tortura da PIDE sejam rodados mais devagar – ou, simplesmente, que se foque determinado pormenor por ser mais “giro”.

A dimensão “encenada” da realidade – é também por isso que o presente ciclo se intitula “Fernando Matos Silva, o cinema a fazer a realidade” – reforça-se com a inclusão da música (três vezes ouvimos a *Grândola*), que sublinha a dimensão trágica dos gabinetes da PIDE/DGS ou a qualidade heróica da saída dos presos de Caxias. Cinema direto, é certo, *ma non troppo*. A realidade não se faz por si, é preciso um cineasta (ou neste caso, vários) que lhe dê forma.

É exatamente por aí, pelo exercício de encenação da realidade, que se pode entrar em **O Meu Avô Republicano**. O mais recente filme de Fernando Matos Silva (o último para o qual recebeu apoio do Instituto do Cinema) propõe uma operação de inversão: chegado à velhice e sendo ele já avô, resolve

focar-se no seu próprio avô, que nunca chegara a conhecer porque morrera poucos meses antes do seu próprio nascimento. Trata-se de um exercício complexo de distanciamento e identificação. Quatro gerações distam José Rodrigues Vieira de **O Meu Avô Republicano**, e embora longínquo e algo esquecido pelo tempo, Fernando Matos Silva revê-se na postura e no posicionamento político daquele homem. Tanto é que o próprio realizador dá corpo, várias vezes ao longo do filme, ao avô, quando este se passeia pela vila alentejana de Almeida ou pelo Jardim da Parada.

Se é certo que Matos Silva sempre gostou de ocupar pequenos papéis nos seus filmes (figurações especiais ou mesmo pequenas participações de poucas linhas), **O Meu Avô Republicano** é o filme em que o realizador mais assume essa veia de intérprete. O paradoxal é que, de todos os seus filmes, este é aquele que de forma mais declarada se assume como documentário de entrevistas, fundando-se em grande parte em “talking heads” de familiares (primos, primas, tios, amigos, o próprio irmão) que têm memórias do avô Vieira. Esse jogo, algo inusitado, entre o peso das entrevistas e o desejo de ficção – com várias reencenações; não é só Matos Silva que interpreta o avô, um sobrinho faz dele em criança, um primo faz dele na meia-idade – compõem um objeto inusitado, tão documental (literalmente agarrado aos objetos, aos vestígios da vida de um homem que deixou pouco rasto) quanto encenado (precisamente porque o rasto é ténue, a ficção surge como necessidade de ocupar as lacunas que o tempo fez questão de abrir).

No entanto, o que liga **O Meu Avô Republicano** a **Caminhos da Liberdade** não é apenas a hibridez entre a ficção e o documentário, é também a forma de entender a ação cívica como uma forma de resistência. Embora realizado quase quatro décadas depois do 25 de Abril, **O Meu Avô Republicano** guarda, em grande parte, um entendimento revolucionário da sociedade. Recuperar uma figura da Primeira República é afirmar a importância de uma mudança de regime (da monarquia para a república) o que sublinha a importância da mudança de regime que se deu com a Revolução dos Cravos (da ditadura para a democracia). José Rodrigues Vieira é um exemplo de resistência face ao início do Estado Novo, do mesmo modo que Fernando Matos Silva o foi face ao fim do mesmo regime. Daí que não seja acidente que se encontre em **O Meu Avô Republicano** uma réplica de um plano de **O Mal-Amado**: o plano da estátua da Maria da Fonte que se encontra no jardim Teófilo de Braga em Campo de Ourique.

Esta posição ambivalente de **O Meu Avô Republicano** surge, então, por vontade e necessidade, mais não fosse porque vários dos primos e primas lhe respondem, recorrentemente, “não me lembro”, “não sei”, “não me recordo”. O filme de Fernando Matos Silva é, em certa medida, uma reflexão – especialmente nas sequências finais – sobre o esquecimento, sobre o modo como as famílias lidam com o passado e como preservam as memórias dos antepassados – especialmente quando esse antepassado foi uma figura da Primeira República (participou no 5 de Outubro) e, por isso mesmo, foi saneado pelo Estado Novo (saneamento esse que se estendeu além dos limites do “aparelho do estado” e se infiltrou na própria memória familiar). Não surpreende, então, que Matos Silva, à época já na casa dos 70, resolva fazer do retrato do seu avô esquecido uma estranha forma de autorretrato, de modo a firmar, enviesadamente, a sua própria memória.

Mas mais que isso, e talvez seja o que de mais ternurento se pode encontrar neste filme, fá-lo através de uma reunião familiar. Para lembrar o avô, o cineasta-avô reúne a família e para combater o esquecimento ele usa o filme como forma de promover a agregação do clã “Vieira” e apertar os laços de sangue. Pois senão atente-se no genérico de **O Meu Avô Republicano**: o argumento é coassinado com a sua mulher, Júlia Matos Silva, a pesquisa histórica contou com a participação do irmão, João Matos Silva, a filha Maria João Matos Silva fez a assistência de realização e a outra filha, Cristina Matos Silva, trabalhou a imprensa e a divulgação do filme, a estes juntam-se os já referidos primos, primas, tios, tias, sobrinhos e sobrinhas que dão o seu testemunho, interpretam figuras históricas ou fazem figuração. Trata-se, assim, de um muito literal “home movie”, ou antes, “family movie”. Um filme sobre a família feito em família.